

O USO DA FORMA VOCÊ NO NORTE DE MINAS GERAIS

Maria do Socorro Vieira Coelho (UniMontes)
soccoelho@hotmail.com

1. Introdução

Neste artigo trata-se, sob a perspectiva sociolinguística variacionista, a alternativa do uso do pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê* no português falado nas áreas urbana e rural na cidade de São Francisco – Minas Gerais. O uso das formas de tratamento *você*, *ocê* e *cê* – a primeira, considerada a padrão e as outras duas, a ela correspondentes e consideradas não padrão – tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, que, na maioria das vezes, focalizam esse uso somente no português brasileiro falado em áreas urbanas. Esse fenômeno linguístico está presente na fala de moradores de São Francisco, onde, enquanto moradora pode registrar conforme ilustram os exemplos a seguir:

- a. ...se eu te pagá três pra você bate embaixo... (E-22)
- b. ...o que qui ocê acha... meu menino tomou bomba... (E-90)
- c. ...eu achei que cê ia voltá logo pá Belorzonte... (E-617)

Essa constatação levou-me a supor que a ocorrência da forma pronominal *você* e suas variantes não vem acontecendo de maneira idêntica nas duas áreas, urbana e rural, da comunidade sã-franciscana e que, nessa comunidade, a evolução de formas/fatos da língua portuguesa aponta para mais de uma direção. Essa minha hipótese encontra suporte no estudo de Faraco (1996), que chama a atenção para a ocorrência de várias formas, não padrão, correspondentes à forma padrão *você* no português de Portugal e do Brasil e no estudo de Biderman (1972), que mostra a ocorrência de formas não padrão ao lado da forma padrão *usted*, no espanhol.

No que diz respeito ao uso da forma do português *você*, classificada pela Gramática Tradicional (GT) como um pronome de tratamento, os estudos de Ilari *et alii* (1996) e de Ramos (1997 – 1998), apontam mudanças no uso da forma *você*. Analisando o uso dos pronomes pessoais no português falado no Brasil, Ilari *et alii* afirmam que o pronome *você*, considerado como definido pela Gramática Tradicional, está sendo usado também com interpretação indefinida, como mostra o exemplo a seguir:

Antigamente você ia ao Cine Ipiranga, eram umas poltronas ótimas tinha lá em cima você ficava bem acomodado. (DID-São Paulo-234, p. 578-579)

Na medida em que, conforme entendessem Ilari *et alii*, a forma *você* usada como indeterminada faz referência a um ‘fosse quem fosse’ / ‘seja quem for’, é possível dizer que, nesse uso, a forma *você* não corresponde ao *tu* – *é qualquer pessoa de quem se fala* (que pode ser o falante e/ou o ouvinte, visto como um elemento que não participa do processo de enunciação, *eu/tu*, ou seja, a forma *você* usada como indeterminada pode ser interpretada como não-pessoa, nos termos de Benveniste.

Ramos (1997) examinou na fala de moradores de Belo Horizonte a influência do grupo de fatores ‘tipo de referência do item’ em relação ao uso das três variantes (*você*, *ocê*, *cê*), tendo em vista o fato do uso da variante *você* com referência indefinida/arbitrária ser inovador na língua e isso levou a autora a supor: “como a variante *cê* é também inovadora, poderá estar havendo uma certa ‘especialização no uso das variantes, sendo uma delas usada preferencialmente como referência definida e outra com referência indefinida”.

Os resultados encontrados mostram o uso mais frequente da forma *cê* com referência indefinida do que o uso da forma *você*, ou seja, a variante *cê* é mais usada com *preferência indefinida* e a variante *você* com *referência definida*. Esse resultado não corroborou o esperado e segundo a autora, esse fenômeno pode ser interpretado como um processo de migração do sistema definido para o sistema indefinido.

Num outro estudo, que também se inclui num projeto mais amplo sobre a alternância do uso da forma *você* e suas variantes no português brasileiro, Ramos (1998) analisa dados produzidos por falantes de Ouro Preto (MG), e retoma a questão da relação entre o uso das variantes *vo-cê/cê* e o tipo de referência do item. O resultado dessa análise aponta maior probabilidade de uso da variante *você* com referência indefinida, maior probabilidade de uso da variante *cê* com referência definida, o que constitui a preferência dos jovens. Esse resultado confirma, em parte, a hipótese de especialização no uso dessas formas, pois a frequência da forma inovadora *cê* [-determinada] na fala dos velhos é maior do que na fala dos jovens.

2. Análise e Resultados

Levando em conta as observações e os estudos anteriormente mencionados analisou-se na fala de moradores da cidade de São Francisco – Minas Gerais, a alternância no uso das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê*. Por ser considerado um fenômeno de variação, foi adotado o modelo sociolinguístico teórico-metodológico de Labov (1972), que leva em conta a relação entre língua e sociedade, que assume a variação linguística como objeto de estudo que pretende sistematizar a aparente desordem, de modo geral, observada nas diferentes línguas. Com base nessa perspectiva teórica e considerando os trabalhos já realizados sobre o fenômeno, analisou-se a alternância no uso de formas de tratamento partindo de quatro hipóteses, que podem ser, assim, sintetizadas:

- A variação *você* ~ *ocê* ~ *cê*, no português brasileiro de São Francisco, é condicionada por fatores linguísticos e não linguísticos;
- Os dados de fala da área rural de São Francisco constituem evidência em favor da hipótese de Faraco (1996) de que a evolução da forma de tratamento ‘vossa mercê’ tomou duas direções (urbana e rural) no português brasileiro;
- As formas *ocê* ~ *cê* usadas na área rural diferem, quanto à origem, das formas *ocê* ~ *cê* usadas na área urbana e, por isso, são mais frequentes;
- A forma *você* está passando por um processo de mudança (segundo Ramos – 1997, 1998), se especializando.

Em função da primeira hipótese geral, foram então, formuladas hipóteses específicas sobre os condicionadores do uso das formas *você* ~ *ocê* ~ *cê*, inicialmente considerada, portanto, como uma variável dependente de fatores linguísticos e fatores sociais. Disso resultou o estabelecimento de oito Grupos de Fatores (tipo de contexto interpretação definida/indefinida; ambiente fonológico que precede a forma pronominal; função sintática da forma pronominal e tipo de frase em que a forma pronominal ocorre) e quatro Grupos de Fatores Sociais (procedência geográfica, classe social, idade e sexo).

Para testar tais hipóteses, analisou-se, quantitativamente e qualitativamente, um *corpus* constituído de 622 dados, observando o uso das formas de tratamento, segundo os Grupos de Fatores considerados como possíveis condicionadores desse uso. Neste artigo, apresenta-se discus-

sões relacionadas à hipótese especialização da forma *você* e suas variantes com interpretação definida/indefinida.

Os resultados obtidos através da análise quantitativa mostraram que a alternância no uso das quatro formas de tratamento registradas no *corpus* – *você*, *ocê*, *cê*, – está relacionada aos Grupos de Fatores considerados como possíveis condicionadores. A Tabela 1 abaixo, exhibe distribuição das três variantes *você*, *ocê*, *cê*:

| Variantes | Você | Ocê | Cê | Total |
|--------------------|------|-----|-----|-------|
| Nº. de Ocorrências | 125 | 142 | 355 | 622 |
| % de Ocorrências | 20 | 23 | 57 | 100 |

Tabela 1 – Distribuição das variantes consideradas

Em termos percentuais, a distribuição das três variantes *você*, *ocê* e *cê*, segundo a procedência geográfica, mostra a forma *você* como sendo tipicamente urbana, onde a forma *ocê* é pouco frequente e a forma *cê* é a preferencialmente usada. De acordo com essa distribuição, que pode se melhor visualizada na Tabela 2 – a seguir, a forma *ocê* ocorre menos na área urbana do que na área rural, onde a forma *cê* é, também, a preferencialmente usada.

| ÁREA | Total | Você | | | Ocê | | | Cê | | |
|--------|-------|-------------|----|-----|-------------|----|-----|-------------|----|-----|
| | | Nº de Casos | % | PR | Nº de Casos | % | PR | Nº de Casos | % | PR |
| Urbana | 388 | 107 | 28 | .55 | 61 | 16 | .18 | 220 | 57 | .26 |
| Rural | 234 | 18 | 8 | .16 | 81 | 35 | .49 | 135 | 58 | .34 |

Tabela 2 – Uso das variantes segundo a procedência geográfica

Em termos de PR (peso relativo) - só o *você* (.55) apresenta maior probabilidade de ocorrência na urbana. Na área rural o *ocê* é favorecido com (.49) e o *cê* é pouco favorecido (.34).

No que diz respeito o uso das variantes com interpretação definida e com interpretação indefinida, os resultados contrariam a hipótese de ‘especialização’ das formas, de modo que a variante *você* estaria passando a ser usada nos contextos de interpretação indefinida, cedendo à variante *cê* os contextos de interpretação definida.

| Tipo de Contexto | Você | | Ocê | | Cê | | Total | |
|------------------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|------------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Definida | 88 | 19 | 116 | 26 | 249 | 55 | 453 | 73 |
| Indefinida | 37 | 22 | 26 | 15 | 106 | 63 | 169 | 27 |
| Total | 125 | 20 | 142 | 23 | 355 | 57 | 622 | 100 |

Tabela 3 – Frequência das variantes, segundo o tipo de contexto de formas

Em termos de percentuais, é notável a preferência pelas formas com interpretação definida, usadas em 73% dos 622 casos; apenas em 27% das ocorrências dos casos, *você*, *ocê* e *cê* são usadas com interpretação indefinida. Das três formas, a variante *cê* é a mais usada, tanto com interpretação definida (55%) quanto com interpretação indefinida (63%). Quanto às variantes *você* e *ocê*, verifica-se que *você* é mais usado com interpretação indefinida do que a variante *ocê*.

Os percentuais relativos ao uso da variante *cê* apontam, portanto, para a hipótese de Ramos (1997), segundo a qual uma migração do sistema definido para o sistema indefinido explicaria o fato de, na fala dos jovens e medianos, a variante *cê* com interpretação indefinida ter se mostrado mais frequente do que as outras duas variantes (*você* e *ocê*), também usadas com essa interpretação. Em outras palavras, os percentuais de uso das três variantes segundo o ‘tipo de contexto’ mostram que:

- no contexto de interpretação definida, há uma sensível diferença entre o uso da variante *cê* e o uso das outras variantes: $cê = 55\% > ocê = 26\%$ e $você = 19\%$;
- no contexto de interpretação indefinida, a diferença entre o uso da variante *cê* e o uso das outras duas variantes é ainda mais sensível ($cê = 63\% > você = 22\%$ e $ocê = 15\%$).

Os resultados expressos na Tabela 3, em termos de percentuais, contrariam a hipótese de que, em São Francisco, o uso dessas variantes revela uma especialização das formas, de tal modo que *você* é a variante mais frequente nos contextos de interpretação indefinida e *cede*, à forma *cê*, o seu lugar nos contextos de interpretação definida. Esses resultados não são, portanto, condizentes com os relativos ao uso das formas de tratamento por falantes de Ouro Preto, obtidos por Ramos (1998), expressos em termos de PR. Faz-se, pois, necessário observar o comportamento das variantes, em termos de PR; esse comportamento está expresso na Tabela 4:

| Tipo de Contexto | Você | | Océ | | Cê | | Total |
|------------------|------------|-----|------------|-----|------------|-----|------------|
| | Nº | PR | Nº | PR | Nº | PR | |
| Definida | 88 | .27 | 116 | .41 | 249 | .32 | 453 |
| Indefinida | 37 | .40 | 26 | .26 | 106 | .34 | 169 |
| Total | 125 | | 142 | | 355 | | 622 |

Tabela 4 - Peso relativo do tipo de contexto sobre o comportamento das três variantes

Comparando o comportamento da variante *você* ao comportamento da variante *cê*, em termos de PR, verifica-se que, nessa comunidade, ambas as variantes são usadas da mesma maneira que em Ouro Preto:

- Interpretação definida = *cê* > *você*
- Interpretação indefinida = *você* > *CE*

Diante desse resultado, cabe observar, no total de ocorrências de cada variante, a frequência de seu uso com interpretação definida em relação ao seu uso com interpretação indefinida, o que será feito a seguir.

Conforme já era esperado, tendo-se em vista os estudos de Ilari et alii (1996) e de Ramos (1997-1998), no *corpus* analisado, as três variantes ocorrem com interpretação indefinida, o que é ilustrado pelos exemplos (1- 2- 3), a seguir:

- (1) a. ... eu acho que é a cachaça tamém... quando **você** gosta... **você** não tem jeito de sai dele... é a vida intera... (E-109/110)
 - b. Eles agora num tão exigino que a gente faz plano... num precisa nem fazê plano... **cê** tem que i pra sabê... lá que **você** tem que fazê::: sabê sugestão de menino... (E-449)
- (2) ... hoje em dia... ocê não pode sai confiano... (E-18)
- (3) ... assim... cê num fazia nada sem o certificado... (001)

Em (1a) o pronome *você* - usado numa unidade discursiva em que o tema é o trabalho na área da educação - não se refere ao ouvinte e, sim, a qualquer ser humano que trabalha naquilo que gosta - nesse caso, qualquer funcionário da educação. O mesmo acontece no exemplo (1b): o pronome *você* não faz referência ao interlocutor. Enfim, o pronome *você*, nos exemplos acima, não faz referência ao interlocutor, ele remete a um referente indefinido/indeterminado, portanto é não pessoa. Nos exemplos (2 e 3), as formas *océ* e *cê* também não podem ser interpretadas como pessoas do discurso, fazem referência a qualquer um/qualquer pessoa; no primeiro exemplo: não se deve confiar em *qualquer pessoa* e, no segun-

do exemplo: *qualquer um* que vivesse naquele tempo em que não se fazia nada sem o certificado de reservista. As formas *você*, *ocê* e *cê* dos exemplos acima são interpretados, portanto, como não pessoa, nos termos de Benveniste (1996).

No entanto, do total de 355 ocorrências de *cê* no *corpus*, 70% é com interpretação definida e, do total de 125 ocorrências de *você*, também 70% é de interpretação definida; a variante *ocê* tem 82% do total de 142 ocorrências com interpretação definida. Essa distribuição é mostrada pela Tabela 5, a seguir:

| Tipo de Contexto | <i>Você</i> | | <i>Ócê</i> | | <i>Cê</i> | | Total | |
|-------------------|-------------|-----|------------|-----|-----------|-----|-------|-----|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Definido | 88 | 70 | 116 | 82 | 249 | 70 | 453 | 73 |
| Indefinido | 37 | 30 | 26 | 18 | 106 | 30 | 169 | 27 |
| Total | 125 | 100 | 142 | 100 | 355 | 100 | 622 | 100 |

Tabela 5

- Frequência de cada variante: interpretação definida x interpretação indefinida.

De acordo com os resultados acima, portanto não se pode dizer que nessa comunidade há especialização de formas no uso das variantes *você*, *ocê* e *cê* (de modo que, nos contextos de interpretação indefinida, a forma *você* seja a preferencialmente usada) e nem que o sistema definido "migrou" para o sistema indefinido (pois as três variantes são igualmente mais usadas com interpretação definida).

3. Conclusão

Retomando as hipóteses, pode-se dizer que a alternância no uso das três formas de tratamento *você*, *ocê* e *cê* está relacionada aos grupos de fatores considerados como possíveis condicionadores; a variante *cê* ocorre em frequência relativamente alta, destacando-se das outras duas. O uso altamente frequente da variante *cê* na área rural – à semelhança do que ocorre na área urbana, pode ser explicado pelo fato de a forma *cê* registrada na área rural ser resultante de duas formas, oriundas de evolução de formas diferentes e, no que diz respeito ao uso das variantes com interpretação definida e com interpretação indefinida, os resultados globais mostram que ainda não existe qualquer especialização das formas, de modo que a variante *você* estaria passando a ser usada nos contextos de interpretação indefinida, cedendo à variante *cê* os contextos de interpretação definida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1991.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. Marília, *Alfa*, 1972, p. 18-19 e 1073, p. 338-381.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. Curitiba, *Fragmenta*, 1996, n. 13, p. 51-82.

ILARI, Rodolfo. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. I, Campinas: Unicamp, 1996.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

RAMOS, Jânia Martins. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Demerval da. (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.